

A VARIAÇÃO ENTRE TER E HAVER: O QUE REVELAM OS TEXTOS ESCOLARES?

THE DIFFERENCE BETWEEN TER AND HAVER: WHAT DO SCHOOL TEXTS REVEAL?

Josenildo Barbosa Freire (SEEC-RN)¹

josenildo.bfreire@hotmail.com

RESUMO: Inúmeras pesquisas linguísticas têm voltado a atenção para a variação entre ter e haver em construções existenciais. Neste artigo, descrevemos e analisamos a variação entre esses dois verbos em estruturas existenciais explícitas, em dois gêneros textuais/discursivos escritos, produzidos por alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, de duas escolas públicas do interior do Rio Grande do Norte, à luz da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1963; 1966; 2008[1972]). Essa abordagem de investigação além de permitir a identificação da variação linguística, possibilita, também, a postulação de regras acerca das variantes identificadas. O corpus é constituído de 177 (cento e setenta e sete) textos narrativos, especificamente, pertencentes aos gêneros textuais/discursivos memórias literárias e crônicas. Os primeiros resultados indicam a predominância da forma verbal ter como variante canônica do português brasileiro e que as variáveis estatisticamente significativas para a variação do fenômeno ter/haver nos textos escritos foram: sexo dos falantes, faixa etária e tipo de escola; e peso do sintagma nominal, repetição do verbo no mesmo enunciado e/ou próximo e concordância entre o verbo e sintagma nominal. Tanto os resultados aqui encontrados quanto a discussão em volta da variação entre ter e haver ainda nos permitem afirmar que o ensino de língua materna precisa ser sensível à realidade linguística do aluno, possibilitando-o ampliação do seu repertório linguístico e, ao mesmo tempo, a sensibilidade para uso/aceitação de fenômenos variáveis na sua língua.

PALAVRAS-CHAVE: Variação; Ter/haver; Estrutura existencial; Língua escrita; Escola.

ABSTRACT: Extensive linguistic researches have focused attention on the variation between have and there is in existential constructions. In this article, we describe and analyze the variation between these two verbs in explicit existential structures, in two written textual/discursive genres, produced by students from 6th to 9th grade of Elementary School, from two public schools of Rio Grande do Norte, in view of Theory of Linguistic Variation (LABOV, 1963; 1966; 2008[1972]). This investigation approach, in addition to allowing the identification of linguistic variation, also enables the postulation of rules about the identified variants. The corpus consists of 177 (one hundred and seventy-seven) narrative texts, specifically, belonging to the textual/discursive genres of literary and chronic memories. The first results indicate the predominance of the verbal form have as a canonical variant of Brazilian Portuguese and that the statistically significant variables for the variation of the phenomenon have/there is in written texts were: gender of speakers, age group and school type; and weight of the noun phrase, repetition of the verb in the same utterance and/or near and agreement between the verb and noun phrase. Both the results found here and the discussion around the variation between have and there is still allow us to state that the teaching of mother tongue needs to be sensitive to the linguistic reality of the student, enabling them to expand their

¹ Graduação em Letras pela UEPB (2004) e Pós-Graduação, em nível de Especialização, em Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa pela UFRN (2006) . Em 2011, concluiu o Mestrado no Proling/UFPB na área de Concentração Teoria e Análise Linguística, com pesquisa voltada para a Sociolinguística. Tem Doutorado em Linguística (2016), pela UFPB . Atualmente é professor de Língua Portuguesa da rede pública de Educação Básica no Estado do Rio Grande do Norte.

linguistic repertoire and, at the same time, the sensitivity to use/acceptance of variable phenomena in your language.

KEYWORDS: Variation; To have/there to be; Existential structure; Written language; School.

Introdução

O modelo variacionista está centrado no uso da língua. Essa abordagem nos impõe como agenda identificar como restrições sociais e linguísticas influenciam o uso linguístico. Assim, a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1963; 1966; 2008[1972]) aproxima-se das abordagens linguísticas que consideram o contexto sócio-histórico/de uso como fonte de correlacionamento sociolinguístico.

Partimos do princípio de a língua ser um sistema de fenômenos/formas linguísticas em permanente competição. Essa realidade dialetal possibilita aos falantes que usem variantes linguísticas que se alternem sem mudar o conteúdo referencial de suas formas. Assim, no Português brasileiro (PB, doravante), é possível, tanto na língua falada quanto na língua escrita, ocorrências como as de 1:

1. “Porém, não há só esse ponto turístico... ponto positivo **tem** o negativo também...” (Texto 60: fem., 9º ano, 14 anos, municipal).

No trecho em tela, os verbos em destaque exemplificam parte da realidade linguística do PB em relação às construções existenciais e, ao mesmo tempo, sinalizam, na segunda forma verbal destacada a nova tendência do PB em preferir a forma *ter* existencial em construções existenciais, em detrimento da forma verbal *haver*.

As pesquisas em volta da variação linguística, de modo geral, têm dispensado maior atenção e constituição às amostras de língua falada, deixando, desse modo, uma lacuna a ser preenchida nos cenários dos estudos linguísticos. Nesse sentido, nossa pesquisa quer preencher esse espaço – ou uma parte dele –, ao tomar como *corpus* de descrição e análise textos escritos produzidos por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental de duas escolas da rede pública de ensino e contribuir, também, para o reconhecimento da identidade linguística dos brasileiros, uma vez que os usos linguísticos

e os modos como esses sujeitos os avaliam indicam formas de pertencimento a uma dada comunidade de fala, repercutindo, desse modo, sobre a delimitação da noção de comunidade de fala.

Assim, objetivamos descrever e analisar a variação em estruturas existenciais envolvendo os verbos ter e haver, em dois gêneros textuais/discursivos diferentes, produzidos por alunos de duas escolas públicas do interior do Rio Grande do Norte, a partir dos postulados da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1963; 1966; 2008[1972]).

Algumas questões norteiam nossa investigação: (i) o verbo ter e suas respectivas flexões são mais frequentes nas estruturas existenciais do que as formas envolvendo o verbo haver e suas flexões? (ii) o uso de haver e suas respectivas flexões ocorrem mais nos anos finais do que nos anos iniciais do Ensino Fundamental? (iii) tanto variáveis linguísticas como variáveis sociais – já amplamente controladas em pesquisas variacionistas – demonstram-se estaticamente significativas para a variação do fenômeno ter/haver nos textos escritos analisados? e (iv) a variação entre ter e haver existencial, no *corpus* analisado, confirmará que a forma ter existencial é a nova variante canônica do PB?

Para alcançar o objetivo geral deste trabalho, assim está organizado o artigo: na primeira seção, retomamos alguns estudos envolvendo o objeto de estudo desta pesquisa; na segunda, apresentamos o *corpus* e a metodologia; na terceira seção, descrevemos e analisamos os dados e, por fim, assinalamos algumas considerações finais.

1 O objeto de investigação e seus estudos

A literatura acerca da variação entre ter e haver em construções existenciais é um fenômeno sociolinguístico – e até mesmo sob outras vertentes de estudos linguístico também é abordado (AVELAR, 2018) – amplamente descrito e analisado, seja sob uma perspectiva diacrônica ou sincrônica, evidenciando questões e nuances semânticas da natureza desses dois verbos no PB.

Do ponto de visto diacrônico, já no século XIII, portanto, no contexto do Português arcaico, *ter* começou a substituir/competir com a forma verbal haver no sentido de posse (ARAÚJO et al., 2019).

Esse processo variação é atestado, também, desde a metade do século XV, momento em que o verbo haver perdeu o traço semântico de posse para o verbo ter (SILVA, 2004), o qual parece estar se tornando canônico no PB contemporâneo para expressar estruturas existenciais.

Mas, segundo Vitório (2007, p. 05), é somente no século XVI que “[...] ter suplanta haver em todos os contextos de posse [...].” Essa variação linguística revela que a língua é dinâmica e que seus usos se modificam continuamente no tempo e no espaço.

Matos e Silva (2000) observou que no Latim, o verbo *habere* era responsável em transmitir a noção de posse, enquanto a forma verbal *tenere* estava relacionada com a ideia de ter algo na mão, obter, manter, reter. Portanto, constituem verbos com traços semânticos diferentes. Contudo, a interseção semântica entre essas duas formas verbais já se fazia presente, também, no Latim (SILVA, 2004), e depois foi adotado pelo o PB.

Como a língua é um sistema que se organiza mediante as necessidades comunicativas e expressionais dos falantes, o item lexical *ter* passou a ganhar novo *status* na gramática do PB. Nesse sentido, “[...] o verbo ter foi-se difundindo para outros contextos, devido ao processo de esvaziamento semântico de haver, enquanto este se especializava como verbo existencial” (SILVA, 2004, p. 222).

O que aconteceu nesse percurso que permitiu ao verbo *ter* ser alcançado novo posto morfossintático de variante existencial canônica do PB? Duas proposições assinaladas por Avelar (2018) auxiliam-nos nesse entendimento, lançando uma forte hipótese de trabalho para essa questão. Segundo Avelar (2018, p. 130):

- (a) as novas condições para o licenciamento e interpretação de sujeitos nulos, determinadas pela progressiva simplificação do paradigma flexional, e
- (b) a emergência de novos padrões de inversão locativa, por meio dos quais sintagmas preposicionados locativos passaram a ser licenciados em posição de sujeito.

Assim, para Avelar (2018), essas são as duas razões estruturais que permitiram a emergência do uso de ter existencial no lugar da forma tradicional haver. Desse modo, podemos depreender que de fato a língua é um sistema que buscar reorganizar suas mutações internas sem perder o poder de expressar o que o falante pretende dizer ao usá-la.

Todo esse contexto linguístico assinala que os usos linguísticos vão se adequando às necessidades comunicativas e expressionais dos falantes. Mesmo que uma forma linguística tenha o *status* de “clássica, consagrada e regular”, ganham-se novos empregos; ou criando novas formas linguísticas, ou reaproveitando o material lexical que o falante tem disponível para comunicar o que pretendia.

Já do ponto de vista sincrônico, há inúmeras pesquisas linguísticas realizadas em torno da variação entre *ter* e *haver* que têm demonstrado o crescimento do uso da forma *ter* existencial em detrimento das formas verbais ligadas aos verbos *haver* e *existir*, por exemplo. E não só apenas sob o viés variacionista: outras perspectivas teóricas também abordam a temática dos usos existenciais de *ter* e *haver* (AVELAR, 2018, por exemplo).

Dutra (1997) realizou estudos de pesquisa sob a variação ter/haver na norma linguística culta da cidade de Salvador. A autora averiguou que, em seus dados, no cômputo geral, 73.13% são ocorrências com o *ter* existencial, enquanto que o percentual de 26.87% diz respeito às estruturas linguísticas produzidas com a variante *haver*, em contextos considerados menos formais.

Franchi et al. (1999) pesquisaram o fenômeno de variação entre ter e haver, em dados oriundos da cidade de São Paulo. Esses pesquisadores verificaram que o *ter* existencial é a forma predominante nas ocorrências analisadas e que constitui um processo particular do PB e não do português europeu. Assim, o uso de ter no lugar de haver está apontada entre as inovações linguísticas do português além-mar. Essas assunções também são compartilhadas por Avelar (2018). Na amostra investigada por Franchi et al. (1999), a distribuição geral das ocorrências foi assim detalhada pelos autores: 50.98% para estruturas existenciais com o verbo ter, 23.14% para a forma verbal haver e 25.87% para o item lexical existir.

Silva (2004) também investigou o processo de variação entre ter/haver na fala pessoal a partir dos dados do Projeto VALPB (Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba; HORA; PEDROSA, 1993). Do total de 1.057 ocorrências, 90% correspondem ao uso de ter (956 dados) e 10% ao uso de haver, com 101 ocorrências no total. A autora constatou que esse processo, na comunidade de fala investigada, trata-se de uma variação estável e condicionada por restrições sociais (anos de escolarização, faixa etária e sexo dos falantes) e por um fator linguístico (animacidade do sintagma nominal do objeto, com o favorecimento do traço [+ animado]).

Vitório (2007) descreveu e analisou as alternâncias entre a estruturas existenciais na língua escrita de alunos de 6^{os} e 7^{os} anos do Ensino Fundamental, em uma comunidade do Ceará. Também, foi constatada a maior frequência de ter existencial nos dados coletados. Essa pesquisa quantitativa, também, indicou o condicionamento desse fenômeno por variáveis linguísticas/social (tempo verbal, animacidade do sintagma nominal do objeto e o tema do texto produzido).

Araújo et al. (2019) investigaram na fala de fortalezenses o comportamento das construções existenciais com os verbos ter e haver à luz da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 1963; 1966; 2008[1972]). Os pesquisadores constataram que 81% das ocorrências dizem respeito à variante ter (562 ocorrências) e 19% aos usos linguísticos com a forma verbal haver (130 ocorrências). E, também, verificaram que se trata de um processo linguístico condicionado simultaneamente por restrições de natureza social e linguística.

Todos esses resultados alcançados permitem que se compreendam pelo menos dois aspectos que estão no centro da abordagem variacionista: (i) a variação linguística constitui um fato intrínseco da língua e (ii) sua realização não se dar por acaso, como resultado de modas ou caprichos individuais dos falantes, mas, é, sobretudo, um fenômeno social e linguisticamente condicionado, portanto é passível de postulação de regra. Contudo, é válido ressaltar que o idioleto pode desempenhar um papel importante nos estudos sociolinguísticos.

Ainda é válido notar, em relação à variação entre ter e haver existenciais, já houve até quem pensou que se tratava de um brasileirismo, inserido apenas no trato familiar dos falantes (MACIEL, 1894).

Essas novas nuances em volta da variação entre ter e haver, também, foram possíveis de serem identificadas com o advento da Teoria da Variação e Mudança Linguística, a partir da década de 1960, ao introduzir nos estudos linguísticos o componente social como forma social de condicionamento/explicação dos usos variados de qualquer língua natural feitos pelos usuários dessa língua.

Os trabalhos pioneiros de Labov (1963, 1966, 2008[1972]) acerca do falar americano (monotongação dos ditongos /ay/ e /aw/, em Martha's Vineyard; e a estratificação social de /r/ nas lojas de departamentos da cidade de Nova York) e que hoje ainda orientam uma série de estudos sociodialetais, permitem que compreendamos a emergência de formas vernaculares que constituem variantes não só linguísticas, mas formas de identificação social do uso da língua. Essas novas maneiras de uso da língua confirmam a tese laboviana (LABOV, 2008[1972]) de que não há falante de estilo único em uma dada comunidade de fala.

Na seção seguinte, delineamos o percurso metodológico desta investigação sociolinguística.

2 *Corpus e metodologia*

O *corpus* foi constituído de cento e setenta e sete textos narrativos, especificamente pertencentes aos gêneros textuais/discursivos memórias literárias e crônicas. Esses textos foram produzidos por alunos de duas escolas da rede pública de ensino, sendo uma da esfera municipal e a outra da esfera estadual. Os alunos cursavam do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

A amostra desses textos está assim distribuída: cinquenta e sete desses textos foram produzidos por alunos da escola pertencente à esfera estadual. Desse total, doze textos foram retirados durante a coleta e codificação das ocorrências, pois não apresentaram nenhuma construção existencial com os verbos analisados. E da escola

municipal foram analisados cento e vinte textos. Contudo, dessa soma, vinte e nove produções textuais, também, foram descartadas por não apresentar construções existenciais.

A Escola 1 corresponde ao número identificador pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) nº 24062200, já a Escola 2 pelo código INEP 24062405. Esses estabelecimentos de ensino estão situados na zona urbana, de duas cidades do interior do Estado do Rio Grande do Norte, respectivamente, Montanhas e Pedro Velho. A distância média entre essas cidades corresponde ao total de 10km.

Os textos foram produzidos na disciplina de Língua Portuguesa/Produção de Textos, no ano letivo de 2017, sob a regência do autor deste trabalho. A produção linguística deu-se a partir do protocolo no qual os alunos participantes teriam que narrar /relatar fatos marcantes do cotidiano do lugar onde residiam.

A escolha desses gêneros textuais/discursivos deve-se ao fato de os gêneros, sendo entidades sócio-discursivas ou práticas sócio-históricas variáveis, podem permitir a emersão de variantes linguísticas de baixo prestígio social, sobretudo quando se está associado a eles fatos de experiências pessoais dos escreventes.

Em relação ao envelope de variação deste estudo, controlamos as seguintes variantes, para a expressão da variável dependente: (1) verbo haver e suas flexões; (2) verbo ter e suas flexões e (3) outros verbos que expressem construções existências no PB. Assim, só temos uma variável dependente (expressão existencial) e três variantes possíveis para ela.

Já no que diz respeito às variáveis independentes, consideramos as seguintes variáveis sociais: sexo dos informantes (masculino x feminino); idade (dividida em dois fatores: 11 a 12 anos; e 13 anos ou mais); ano escolar (6º, 7º, 8º e 9º) e tipo de escola (Escola 1/estadual x Escola2/municipal). Como variáveis linguísticas temos: animacidade do Síntagma Nominal objeto ([+ animado], [- animado]); posição do Síntagma Nominal em relação ao verbo (SN à direita, SN à esquerda); peso do Síntagma Nominal (SN simples, SN Composto, outros); tempo/forma verbal (pretérito, presente, futuro, gerúndio, infinitivo, particípio); repetição do verbo no mesmo enunciado e/ou próximos (sem repetição x com repetição) e concordância entre o verbo e o Síntagma Nominal

(verbo singular → SN singular, verbo plural → SN plural, verbo plural → SN plural e verbo plural → SN singular).

As ocorrências das variantes foram codificadas e submetidas ao pacote de programa do Goldvarb X (SANKOFF et al, 2005). Esse *software* forneceu o peso relativo que foi tomado como parâmetro de aplicação ou não da regra variável analisada. Esse programa concebe como medida de aplicação o valor de peso relativo que se aproxima de 1,00; e considera neutros os que se aproximam de 0,50 e desfavorecedores da aplicação da regra variável os que estiverem próximos de 0,00.

Optamos, neste trabalho, em não realizar uma análise somente a partir de uma rodada binária, apenas ter x haver, mas uma rodada enária, contemplando outras variantes encontradas no *corpus* investigado. O fato reside que dessa forma, mesmo trabalhando com variantes que alcançaram percentual ínfimo, como veremos a seguir, temos uma melhor visão dos padrões empíricos encontrados na pesquisa realizada. A retirada de variantes de baixa frequência, também, influenciaria na seleção de outras variáveis (linguísticas e sociais) no processo de rodadas binárias.

Também, as rodadas no programa computacional X (SANKOFF et al, 2005) foram realizadas com valores referentes de aplicação da variante que obteve a maior frequência: no caso a variante *ter* existencial.

Na seção posterior, realizamos a descrição e análise dos dados coletados.

3 Descrição e análise dos dados

Após a codificação e a submissão das ocorrências ao programa Goldvarb X (SANKOFF et al, 2005) foram verificadas 337 ocorrências. Desse total de dados, 248 são ocorrências com a estrutura existencial *ter* que correspondem ao percentual de 73.6%. E, o restante são 89 ocorrências de outras formas de marcação de construção existencial que correspondem a 26.4%. Os resultados da distribuição geral das variantes são descritos na tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição das variantes no *corpus* analisado

VARIANTES	FREQUÊNCIA/PERCENTUAL
Ter	248/337 = 73.6%
Haver	71/337 = 21.1%
Existir	16/337 = 4.7%
Possuir	1/337 = 0.3%
Ocorrer	1/337 = 0.3%

Fonte: Própria do autor.

A distribuição dos dados, de acordo com a tabela 1, indica a ocorrência da predominância do uso do verbo *ter* nos dados analisados em detrimento de outras variantes co-ocorrentes que também assinalam construções existenciais no PB.

Vejamos os fragmentos de (2) a (6), do *corpus* em análise, que ilustram cada uma das variantes linguísticas da tabela 1. Destacamos os verbos em uso em cada excerto.

2. “...ponto positivo **tem** o negativo também...” (Texto 60: fem., 9º ano, 14 anos, municipal).
3. “Porém, não **há** só esse ponto turístico...” (Texto 60: fem., 9º ano, 14 anos, municipal).
4. “...aqui na minha localidade **existe** uma rua descendo ali...para aqueles lados existe uma ruazinha estreita...” (Texto 38: fem., 7º ano, 12 anos, municipal).
5. “A minha cidade **possui** algumas relíquias...” (Texto 73: fem., 8º ano, 13 anos, estadual).
6. “...no NEPS onde **ocorreu** várias histórias, inclusive...” (Texto 93: mas., 6º ano, 12 anos, estadual).

Esses achados indicam que há um forte e nítido processo de variação linguística nas duas comunidades de fala investigadas. Há, neste processo, sinais da confirmação da predominância do verbo *ter* como a forma canônica de construir estruturas existências no PB (AVELAR, 2018).

Também, constatamos que essas descobertas estão em sintonias com outras pesquisas linguísticas, sobretudo, as de natureza variacionista. Esses estudos indicam que, por um lado, o uso de *ter* é sempre superior às ocorrências de *haver* e seus congêneres, tanto na língua falada quanto na língua escrita; e por outro, que o verbo *haver* perdeu sua capacidade de expressar construção existencial para o verbo *ter* no PB (DUTRA, 1997; FRANCHI et al, 1998; CALLOU; AVELAR, 2000; MARTINS; CALLOU, 2003;

SILVA, 2004; AVELAR, 2005; VITÓRIO, 2007; AVELAR; CALLOU, 2007a; AVELAR, 2018; ARAÚJO et al, 2019; dentre outros).

Diante desse contexto, perguntamos: como a escola pode dispensar um tratamento satisfatório e adequado ao processo de variação entre *ter* e *haver*? Visto que (i) a perspectiva tradicional de gramática tende a considerar apenas as formas **haver** e **existir**, sobretudo na escrita formal, como estratégias de marcação de verbos existenciais (BECHARA, 2004; CUNHA, CINTRA, 2010; por exemplo) e (ii) nossos resultados são oriundos da produção linguística escolar? Posteriormente, ainda neste trabalho, retomaremos essa questão.

Nas subseções seguintes, descrevemos e analisamos as variáveis sociais e linguísticas selecionadas como condicionadoras da regra variável em estudo nesta investigação.

4.1 Variáveis selecionadas

4.1.1 Variáveis sociais

O Programa Goldvarb X (SANKOFF et al, 2005) selecionou as variáveis sexo, faixa etária e tipo de escola - das variáveis sociais controladas neste estudo - como condicionadoras do uso da variação entre os verbos *ter* e *haver* nos textos analisados. Os resultados estão exibidos nas tabelas 2, 3 e 4, a seguir.

Tabela 2 – Efeito da variável sexo dos informantes

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Feminino	166/213 = 77.9%	0.563
Masculino	82/124 = 66.1%	0.393
Total	248/337 = 73.6%	

Input: 0.803 / Significância: 0.028/log likelihood: -147.547

Fonte: Própria do autor.

A tabela 2 indica que o uso de *ter* nas estruturas existenciais, no *corpus* investigado, é predominantemente mais frequente nos textos produzidos por alunos do

sexo feminino em detrimento das ocorrências dos alunos do sexo masculino. Tanto o índice de peso relativo de 0.563 quanto o percentual simples são favorecedores dessa assunção. Eles expressam matematicamente a aplicação dessa regra variável em discussão neste estudo.

Esses achados estão em sintonia com os resultados de Silva (2004) que, também, verificou que o uso do verbo *ter* existencial é mais frequente na fala de informantes do sexo feminino. E destoam dos resultados encontrados por Araújo et al. (2019), em que o verbo haver é predominante na fala feminina. Callou e Avelar (2000) atestam que, na década de 1970, as mulheres tendiam a usar mais o haver do que o ter existencial; e Martins e Callou (2003), nos seus dados analisados, afirmam que a fala masculina favorece o uso de haver.

Assumimos que a hipótese do favorecimento de ter existencial pelos falantes do sexo feminino, em nossos dados, está relacionada à tendência de informantes do sexo feminino em liderar processos inovadores de variação linguística; como também, a uma nova postura e/ou tendência em romper com comportamentos mais conservadores. Essa prática, geralmente, é atribuída mais a informantes do sexo feminino.

Tabela 3 – Efeito da variável faixa etária dos informantes

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
13 anos ou mais	149/190 = 78.4%	0.690
11 a 12 anos	99/147 = 67.3%	0.263
Total	248/337 = 73.6%	

Input: 0.803 / Significância: 0.028/log likelihood: -147.547

Fonte: Própria do autor.

A tabela 3 apresenta os resultados relacionados ao efeito da variável faixa etária sobre o uso do ter existencial nos textos analisados. Assim, o uso do verbo *ter* é influenciado pelos alunos da segunda faixa etária, ou seja, quanto maior a idade do aluno maior a tendência de uso da forma verbal ter em construções linguísticas existenciais. O índice de peso relativo de 0.690 é favorecer da aplicação dessa regra em estudo.

Silva (2004) também identificou maior ocorrência de ter existencial em falantes mais velhos; já Araújo et al. (2019) apontam que os informantes mais jovens (15-25 anos)

são os que mais usam o verbo *ter*. Contudo, tanto em Callou e Avelar (2000) quanto em Martins e Callou (2003), os falantes mais velhos favorecem o uso da forma verbal *haver*.

Assim, nossos resultados estão na contramão do pensamento de Chambers (2002) e Labov (2008[1972]), já que na perspectiva desses autores os informantes mais velhos tendem a usar mais a forma linguística padrão.

Nossa hipótese é a de que a influência desse fator sobre o uso de ter existencial é o reflexo da tendência do PB desde a metade do século XV em usar como forma de marcação de estruturas existenciais a variante *ter* em detrimento de *haver* e congêneres. Também, nesse quesito, é possível assumir que de fato a língua mudou, incorporando novas nuances. Essas realidades são focadas e demonstradas nos usos linguísticos feitos pelos falantes de faixas etárias menos avançadas.

Tabela 4 – Efeito da variável tipo de escola

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Estadual	106/120 = 88.3%	0.816
Municipal	142/217 = 65.4%	0.305
Total	248/337 = 73.6%	

Input: 0.803 / Significância: 0.028/log likelihood: -147.547

Fonte: Própria do autor.

A tabela 4 exibe os resultados dos efeitos da variável tipo de escola sobre os dados analisados. Segundo a tabela 4, o uso de ter existencial é favorecido no contexto escolar da esfera estadual em detrimento dos alunos oriundos da esfera municipal. Os índices matemáticos dessa variável são indicadores da aplicação da regra variável em discussão, com peso relativo de 0.816 e percentual simples de 88.3% para os alunos da escola de origem estadual em prejuízo dos fatores matemáticos atribuídos à escola municipal.

Assumimos como hipótese explicativa desse favorecimento o fato de que os alunos de origem da rede estadual, por um lado, (i) demonstram menos consciência linguística quanto ao uso de estruturas existências canônicas estabelecidas em gramáticas normativas (BECHARA, 2004; CUNHA; CINTRA, 2010, dentre outros) e/ou livros didáticos que tendem a privilegiar usos de *haver/existir* e, por outro, (ii) seguem a

tendência do PB vernacular em adotar uma nova configuração para marcar construções existenciais.

Assim, esses resultados nos permitem inserir a escola selecionada matematicamente numa prática inovadora, portanto, assumindo uma abordagem linguística de ensino de língua materna, enquanto a escola não selecionada pelo nosso programa pode ser incluída na prática de ensino-aprendizagem de língua mais conservadora, portanto, pautada mais numa abordagem tradicional de língua: atitude prescritivista.

Todavia, reconhecemos que essa hipótese precisa ser testada. Por exemplo, por meio de um teste de avaliação e percepção sociolinguística, sobretudo, porque esses dois estabelecimentos de ensino, mesmo localizados em comunidades de fala diferentes, estão distantes um do outro apenas a 10km, como já assinalamos neste trabalho.

4.2 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas selecionadas como relevantes para o emprego da regra variável em discussão, pelo Goldvarb X (SANKOFF et al, 2005), foram, por ordem de relevância estatística: peso do Sintagma Nominal, repetição do verbo no mesmo enunciado e/ou próximo e concordância entre o verbo e Sintagma Nominal.

Os resultados encontrados para cada uma dessas variáveis serão descritos e analisados nas tabelas 5 a 7, a seguir.

Tabela 5 – Efeito da variável peso do SN

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
SN composto	$59/65 = 90.8\%$	0.725
SN simples	$189/272 = 69.5\%$	0.442
Total	$248/337 = 73.6\%$	

Input: 0.803 / Significância: 0.028/log likelihood: -147.547

Fonte: Própria do autor.

A tabela 5 apresenta os resultados referentes ao efeito da variável peso do Sintagma Nominal sobre a variação entre ter e haver em textos escolares. Os índices

produzidos indicam que há maior frequência de ter existencial quando o Síntagma Nominal é um SN composto em detrimento do SN simples. Essa assunção é corrobora pelo peso relativo de 0.725 e percentual simples de 90.8%. A respeito das ocorrências para os fatores SN simples e SN composto, apresentamos os excertos de (7) a (12), respectivamente.

7. “o lugar onde vivi... tem **gente fofoqueira e crianças para todo o lado.**” (Texto 18: fem., 8º ano, 14 anos, estadual).
8. “... cidade que tem **suas ruas enfeitadas e pessoas...**” (Texto 57: mas., 9º ano, 16 anos, municipal).
9. “...parece uma cidade grande, onde tem **seus altos e carros ligados...**” (Texto 67: fem., 8º ano, 15 anos).
10. “O lugar onde vivo tem **uma vista incrível**” (Texto 4: fem., 6º ano, 13 anos, estadual).
11. “... tinha **um grande segredo...**” (Texto 24: fem., 8º ano, 15 anos, estadual).
12. “...onde eu moro tem **um açude...**” (Texto 47: fem., 7º ano, 12 anos, estadual).

Os diversos estudos linguísticos já empreendidos em torno da variação do ter existencial têm revelado que esse processo está situado no nível morfossintático das línguas. Nesse sentido, para nossos resultados, assumimos que a predileção de ter existencial para SN composto está na possibilidade de combinação entre os argumentos externos e internos selecionados pelo verbo ter, o que permite a geração de paralelismo estrutural como estratégia de boa formação de sentenças no PB. Ou ainda, está relacionado ao efeito de duração da ação expressa pelo verbo ter existencial.

Dessa forma, o caráter semântico do verbo *ter* é bastante abrangente e diverso. Segundo Avelar (2018, p. 77), “Para dar conta da abrangência da noção de posse, a natureza da relação possessiva pode ser caracterizada como sendo de diferentes tipos: posse material, imaterial, intrínseca, inerentes, locativa, temporal, psicológica, estativa, etc.[...].”

Tabela 6 – Efeito da variável repetição do verbo no mesmo enunciado ou próximo

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Com repetição	$80/92 = 87.0\%$	0.730
Sem repetição	$168/245 = 68.6\%$	0.408
Total	$248/337 = 73.6\%$	

Input: 0.803 / Significância: 0.028/log likelihood: -147.547

Fonte: Própria do autor.

Por sua vez, a tabela 6 exibe os resultados para a variável concordância entre o verbo e o Sintagma Nominal nos textos escritos analisados. Observamos que a preferência para ocorrência do verbo ter existencial se dar no fator *com repetição*, com índices de 0.730 de peso relativo e percentual simples de 87.0% em oposição ao fator *sem repetição* que exibe uma taxa numérica desfavorecedora de aplicação da regra variável em discussão. Podemos observar uma ocorrência de cada um desses fatores nos excertos (13) a (16), respectivamente.

13. “Na rua onde moro **tem** outro campo lá e também **tem** outra brincadeira.” Texto 1: masc., 6º ano, 11 anos, estadual).
14. “Eu gostava muito de ir para escola, lá **tinha** brinquedos, **tinha** aula de natação, sempre **tinha** festas”. (Texto 45: fem., 7º ano, 12 anos, estadual).
15. “... na rua onde moro **tem** muito cantos pra brincar...” (Texto 79: fem., 8º ano, 13 anos, municipal).
16. “Na minha rua, **tem** brincadeira pula-pula...” (Texto 88: fem., 8º ano, 13 anos).

A pesquisa empreendida por Araújo et al. (2019) identificou o contrário em seus dados do que encontramos nesta pesquisa. Ou seja, a repetição do verbo favorece o uso do verbo haver e seus congêneres, com peso relativo de 0,769. Contudo, esses autores trabalharam com a noção de repetição do verbo circunscrita ao mesmo enunciado; já no nosso trabalho, além de considerar essa proposição, também, abarcamos a noção de verbo no mesmo enunciado e/ou em enunciados próximos.

A hipótese teórica que norteia o favorecimento/influência do ter existencial nos nossos dados está diretamente relacionada à natureza dos gêneros textuais/discursivos produzidos. Os textos analisados são produções linguísticas vinculadas diretamente à

história pessoal dos alunos, no caso memórias e crônicas, possibilitando, desse modo, a emersão da forma linguística não padrão.

Conforme assinalamos anteriormente (FREIRE, 2020), também, podemos ponderar que esses gêneros textuais/discursivos escolhidos podem refletir o vernáculo (LABOV, 2008[1972]) dos seus produtores, isto é, o estilo em que há menos monitoração e desse modo favorece o uso de variantes de baixo prestígio.

Tabela 7 – Efeito da variável concordância entre o verbo e o SN

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Verbo singular → SN singular	160/213 = 75.1%	0.551
Verbo plural → SN plural	74/93 = 79.6%	0.493
Verbo plural → SN plural	12/24 = 50.0%	0.224
Verbo plural → SN singular	2/7 = 28.6%	0.175
Total	248/337 = 73.6%	

Input: 0.803 / Significância: 0.028/log likelihood: -147.547

Fonte: Própria do autor.

A tabela 7 detalha os resultados do efeito da variável concordância entre o verbo e o Sintagma Nominal nos textos escolares examinados. Os resultados matematicamente indicam que o fator verbo singular → SN singular é quem mais favorece o uso do ter existencial nos dados coletados em oposição aos outros dois fatores. Sobretudo, o índice de peso relativo, de 0.551, confirma a aplicação dessa regra variável em estudo, mesmo que esteja muito próximo do ponto neutro. Vejamos os fragmentos de (17) a (20) que ilustram cada um dos fatores da tabela 7, respectivamente.

17. “... na rua Belém, antes não **tinha quase nenhuma cassa**”. (Texto 96: mas., 6º ano, 11 anos, municipal).
18. “...**tinha** muito **assalto** e grandes **buracos**...” (Texto 69: fem., 8º ano, 14 anos, municipal).
19. “...**lugares lindos** que **tinham** em Pedro velho...” (Texto 70: fem., 8º ano, 16 anos, municipal).
20. “**Temos o balneário**”. (Texto 86: fem., 8º ano, 13 anos, municipal).

Como já assinalamos anteriormente, a variação entre ter e haver em construções existenciais está inserida no nível morfossintático da língua. Sendo assim, admitimos que o favorecimento do fator selecionado pelo programa computacional está ligado processo de boa formação de sentenças, revelando que os escreventes têm maior consciência linguística das regras de concordância verbal. É tanto que há um decréscimo nos percentuais/peso relativos à medida que a regra de concordância verbal não é atendida.

Avelar (2018) destacou que expressões de tempo decorrido envolvendo o ter existencial tendem a desencadear a concordância com o verbo ter. Contudo, também para o referido autor, a forma verbal *ter* pode dispensar o argumento na posição de sujeito, mas mesmo assim são produzidas construções/estruturas que atendem aos critérios de boa-formação de sentenças, gerando harmonia entre sujeito, verbo e outros argumentos, quando existirem ou não.

A seguir, expomos as considerações finais deste trabalho.

Considerações finais

Neste trabalho, descrevemos e analisamos à luz da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1963; 1966; 2008[1972]) o comportamento sociolinguístico do uso dos verbos ter e haver em construções existenciais, em textos escritos por alunos da rede pública de ensino. Os primeiros resultados apontam para um processo de variação linguística, condicionado tanto por restrições linguísticas (peso do SN, repetição do verbo no mesmo enunciado e/ou próximo e concordância entre o verbo e o SN) quanto por restrições de natureza social (sexo dos informantes, faixa etária e tipo de escola). Ou seja, nos termos labovianos esse processo linguístico constitui uma regra variável.

Os padrões empíricos dos usos de ter/haver na escrita brasileira de alunos indicam a emergência (ou confirmação?) de inovação gramatical que a forma dita canônica/não marcada – estruturas com haver, existir etc. – perde a capacidade de expressar construções existenciais em detrimento de uma nova variante – ter.

Assim, entendemos que a escrita dos alunos investigados está revelando padrões/usos bastante consolidados já na fala em que há “vazamento da fala para escrita”

(ABAURRE, 2019), ou evidenciam “ruídos de oralidade” (PEDROSA; LUCENA, 2019) sob a escrita.

Retomando o que assinalamos no início deste trabalho, os resultados encontrados também sinalizam a necessidade de repensar a prática de ensino de língua, ou como pensam, de *gramática*. Ao constatar-se, mais uma vez, que ocorre a predominância de *ter* existencial como forma canônica de marcar no PB as estruturas existenciais e, que, geralmente, o ensino de português ainda privilegia práticas de ensino-aprendizagem que focalizam o uso de haver e seus congêneres para realizar esse processo, torna-se imperativo a realização de práticas de ensino voltadas para abordagens linguísticas, sobretudo, àquelas perspectivas que estão centradas no uso da língua: atitudes descritivistas.

Assim, uma possível perspectiva de trabalho no âmbito escolar envolvendo a variação entre ter e haver existenciais pode ser aquela pautada pela abordagem linguística (BAGNO, 2011; PERINI, 2013; por exemplo). Esses modelos visam à descrição de padrões linguísticos de uma comunidade de fala sem estabelecer regras de prestígio. Essas abordagens assumem que a forma *ter* é a variante preferida na fala dos brasileiros e, também, como vimos, na escrita.

A partir desta pesquisa, alguns desdobramentos são possíveis de serem empreendidos em investigações futuras. Assim, pode-se averiguar o uso da expressão “estar com” que indica posse transitória; ou o comportamento dos verbos “ser e estar”, que, também, funcionam como construções existências, nos termos de Avelar (2018).

Ainda, nesse contexto, é possível aprofundar a proposta, também, de Avelar (2018) acerca da assunção de que ter e haver constituem duas estruturas existenciais com configurações sintáticas diferentes, manifestadas em estruturas existências, estruturas possessivas ou em expressão de tempo terminados. Desse modo, há um longo caminho a percorrer!

Referências

- ABAURRE, M. B. Monotongações e ditongações. In: HORA, D. da et al. (Orgs.). **História do português brasileiro: mudança fônica do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 78-107.
- AVELAR, J. O. **Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro**. Campinas, 2005. Disponível em: http://www.geocities.com/gt_teoria_da_gramatica/download/anpoll2005-juanito.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.
- AVELAR, J. O. Sentenças possessivas e existenciais. In: CYRINO, S.; MORAIS, M. A. T. (Coordenadoras). **História do português brasileiro: mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 72-149.
- AVELAR, J. O.; CALLOU, D. Gramática e Variação no Português Brasileiro: considerações sobre ter-haver e de-em. In: LOBO, M.; COUTINHO, A. (Org.). **Textos Selecionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2007a. p. 183-197.
- ARAÚJO, A. A. de et al. **A variação dos verbos existenciais haver e ter em amostra do falar culto de Fortaleza-CE**. Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa, n. 56. Rio de Janeiro, 2019. p. 250-275.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- CALLOU, D.; AVELAR, J. O. de. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. **Revista Gragoatá**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, n. 9, 2000, p. 85-100. Disponível em: http://www.academia.edu/15828109/Sobre_TER_e_HAVER_em_constru%C3%A7%C3%A7%C3%95es_existenciais_varia%C3%A7%C3%A3o_e_mudan%C3%A7a_no_Portugu%C3%AAs_do_Brasil. Acesso em: 11 mar. 2021.
- CHAMBERS, J. Patterns of variation including change. In: CHAMBERS, J. et al. (Org.). **The Handbook of Language Variation and Change**. Oxford UK: Blackwell Publishing Ltd, p. 349-372, 2002.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DUTRA, C. de S. Estudo - piloto da variação ter/haver na norma linguística culta da cidade de Salvador. **Anais...** I Simpósio Nacional de Estudos Linguísticos. v. 1. João Pessoa: Ideia, 1997.
- FRANCHI, C. et al. Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. **D.E.L.T.A.** São Paulo. v. 14, n. especial, p. 105-131, 1999.

HORA, D. da; PEDROSA, J. L. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VAPLB**. João Pessoa: Ideia, 1993.

LABOV, W. **The social motivation of sound change**. Word, n. 19, p. 273-307, 1963.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola, [1972] 2008.

MACIEL, M. de A. **Grammatica descriptiva baseada nas doutrinas modernas**. 3. ed. Augmentada com muitas notas e resumos synopticos. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier Livreiro-Editor, 1902 [1894].

MARTINS, L.; CALLOU, D. Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções ter/haver existenciais. **Anais...** Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Curitiba: Mídia Curitibana, p. 820-825, 2003. Disponível em: <http://celsul.org.br/Encontros/05/pdf/114.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2021.

MATTOS e SILVA, R. V. Nos limites finais do período arcaico: a vitória de ter “verbo de posse” e auxiliar de tempo composto e a sua emergência como “verbo existencial”. **Revista do GELNE**, v. 2. n. 1, p. 117-121, 2000.

PEDROSA, J. L.; LUCENA, R. M. de. Apagamento e vocalização em coda silábica. In: HORA, D. da et al (Orgs.). **História do português brasileiro**: mudança fônica do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019. p. 108-137.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. 1. ed. 1. Reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SANKOFF, D. et al. **Goldvarb X**. Computer program. Department of Linguistics, University of Toronto, Canadá. 2005. Disponível em: http://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm. Acesso em: 14 ago. 2020.

SILVA, R. N. A. da. Variação ter/haver na fala pessoense. In: HORA, D. da (org.). **Estudos sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: Ideia, 2004. p. 219-234.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Ter/haver existenciais na escrita de alunos de 5^a e 6^a séries do Ensino Fundamental da cidade de Maracanaú/CE. **ReVEL**, v. 5, n. 9, 2007. p. 1-17.

Recebido em: 09/12/2021 | Aprovado em: 26/07/2022

Publicado em: 27/06/2025
